

LA SOMBRA DEL TSUNAMI
Y EL DESARROLLO
DE LA MENTE RELACIONAL

A SOMBRA DO TSUNAMI
E O DESENVOLVIMENTO
DA MENTE RELACIONAL

THE SHADOW OF THE TSUNAMI
AND THE DEVELOPMENT
OF THE RELATIONAL MIND

Ivette Fernández, Gladys Luy, Yvette Negrón, Viviana Peña, Margarita Rodríguez, Violeta Saavedra, Olinda Serrano, Vivian Stowers.
Centro de Psicoterapia Psicoanalítica de Lima

Las autoras integran el Grupo de Actualización del CPPL,
coordinado por Olinda Serrano de Dreyfuss.

Gladys Luy - gladys.luy.perez@gmail.com ORCID 0009-0004-3037-5513

Viviana Peña - Viviana.pena@upcpe ORCID 0000-0001-7907-3736

Ivette Fernández - ivetteff@hotmail.com ORCID 0009-0000-2191-8716

Vivian Stowers -stowersvivian@gmail.com ORCID 0009-0007-1415-9230

Olinda Serrano olindaserranodedreiffuss@gmail.com ORCID 0000-0001-6235-3627

Margarita Rodríguez margaritarodriguez38@hotmail.com ORCID 0009-0001-8661-4147

M. Y. Negrón - mycnegron@gmail.com ORCID 0009-0001-9409-3572

V. Saavedra - Violsak@hotmail.com ORCID 0009-0005-3414-4701

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Fernández I. Luy G. Negrón Y. Peña V. Rodríguez M. Saavedra V. Serrano O. Stowers V. (2023)

A SOMBRA DO TSUNAMI E O DESENVOLVIMENTO DA MENTE RELACIONAL

Intercambio Psicoanalítico 14 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.1.11/

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

A SOMBRA DO TSUNAMI E O DESENVOLVIMENTO DA MENTE RELACIONAL

Ivette Fernández, Gladys Luy,
Yvette Negrón, Viviana Peña,
Margarita Rodríguez, Violeta
Saavedra, Olinda Serrano,
Vivian Stowers¹

Centro de Psicoterapia
Psicoanalítica de Lima

¹ Grupo de Actualización de CPPL.

Autor: Bromberg, Philip M.

Ano: 2017 – 348 páginas

Editora Ágora Relacional
Madrid

Philip Bromberg (2017), neste livro, oferece-nos uma perspectiva conceitual sobre a forma como a relação humana entre o paciente e o analista consegue curar o self individual. Procura mostrar como, quando isso ocorre, uma conexão dinâmica entre cura e crescimento, mutuamente criada, permite que a relação evolua para o crescimento pessoal que justifica fundamentalmente o nome de psicoterapia.

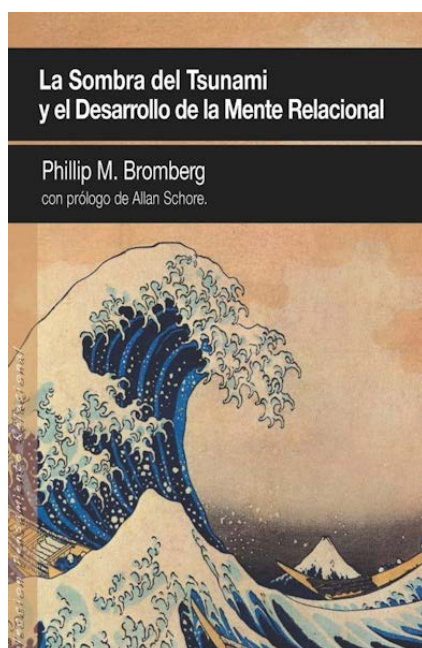
O autor afirma que:

É na interseção do trauma evolutivo, da dissociação e o conflito, que os aspectos da relação psicanalítica colocados em ação (*enacted*) são identificados e processados conjuntamente e, ao fazê-lo, o medo da ausência de regulação afetiva fica diminuído em áreas do funcionamento mental onde governava no nível cerebral a dependência antecipatória e automática da dissociação. Ao mesmo tempo, diminui no nível mental o temor à alteridade e se cria uma fonte em contínuo desenvolvimento para a ação terapêutica, dotando a psicanálise de seu poder fundamental como processo de crescimento interpessoal/relacional. (p.8)

No primeiro capítulo, *Reduzindo o tsunami*, Bromberg, citando a Robert Burns (1786), indica que o dom da intersubjetividade acontece quando você é capaz de se ver tal e como os outros o veem, porém sem se dissociar da experiência de como você se vê a si próprio. No entanto, quando as experiências do self são disjuntivas demais, são mantidas de forma adaptativa em estados do self separados que não se comunicam entre si por um breve tempo, sendo que em outras pessoas se convertem numa estrutura que organiza a vida propriamente dita, reduzindo o intervalo em que esta possa ser vivida.

A intenção é garantir a supervivência da continuidade do self limitando a função reflexiva, deixando o sistema límbico para ser usado como uma espécie de detector de fumaça (eventos que poderiam desencadear uma desregulação afetiva). Perante estas experiências disjuntivas (guerra interna de estados de self), se desdobra na relação terapeuta-paciente a oportunidade de participar na forma de enactment numa externalização no aqui e agora da relação tensa do paciente com seus próprios objetos internos.

A utilização terapêutica do enactment pretende aumentar a competência na regulação de estados do self, tornando a relação analítica em um lugar que é capaz de sustentar o risco e a segurança ao mesmo tempo – uma relação que permite o reviver doloroso do trauma precoce sem que este seja apenas uma repetição cega do passado. Como é mencionado em uma frase: “Uma relação segura, mas não segura demais” (p. 76) oferece-nos a perspectiva de que o processo transformativo de “reduzir o tsunami” não conduz apenas a uma capacidade maior para a regulação afetiva, mas que também é fundamental para o núcleo do processo de crescimento em psicoterapia.



No segundo capítulo, *Nunca passou pela minha mente*, o autor nos comenta a respeito dos “segredos”, que são áreas de nós mesmos que não conhecemos; ele o define como espaços sobre estados diferentes do self com motivações diferentes. Bromberg propõe que o segredo está sentado “no meio” do nosso ser, local de difícil acesso pois contém informação que ainda está numa linguagem incomunicável. Esses segredos são como áreas que estão cativas, produto da dissociação; no entanto, é possível acessar essa informação a partir do enactment.

No capítulo três, *Mentalize-o*, Bromberg dá ênfase à sensibilidade comum de todos os analistas interessados nos estados do self e a dissociação, sensibilidade que reconhece a capacidade relacional como essência da identidade e como elemento chave, tanto no desenvolvimento normal quanto no crescimento da terapia. Além disso, se indica que a mentalização não aparece apenas associada ao trauma, mas permite à pessoa refletir sobre as incompatibilidades entre sua própria experiência do self e a forma em que parece existir na mente do outro. A capacidade da mente para mentalizar torna menos provável que se apele à dissociação sem estabilidade quando se encontra enfrentada à sua alteridade. O autor considera que a negociação entre enfrentamento e segurança se encontra no coração da mudança psicoterapêutica.

No quarto capítulo, *Atenção à brecha dissociativa*, o autor afirma que a perspectiva relacional/interpessoal é a mais apropriada para tratar da “brecha dissociativa, inerente a todo processo de tratamento”. Nas palavras dele: “A teoria clássica do conflito (...) restringe a possibilidade de que ocorra uma participação bilateral na relação clínica” (p. 147). E continua:

Se o trabalho está indo bem, as reações afetivas individuais de cada participante se integram conjuntamente num processo de conhecimento mútuo ou ‘estados compartilhados’ (Shore, 2003b) que não é apenas terapêutico por si próprio, mas que aprofunda e enriquece o processamento simbólico (...) favorecendo assim o surgimento e consolidação de novos significados do self (p. 149).

Assim, o trabalho terapêutico “(...) não supõe abandonar a Freud, mas implica uma atitude de escuta diferente. (...) trata-se de uma experiência inerentemente confusa que deve ser explorada em conjunto, mais do que de um material que precisa ser ‘decifrado’ (...)” (p. 150). Finalmente, “(...) a aceitação por parte do analista da sua própria falta de clareza se converte em uma fonte de ação terapêutica; (...) torna-se possível a criação progressiva de um ‘inconsciente relacional’ (...) pertence a ambas as pessoas, mas a nenhuma com exclusividade (...)” (p. 151).

No capítulo cinco, *Verdade e relações humanas*, o autor continua destacando que o tratamento psicanalítico se fundamenta na realidade dos seres humanos cocriando e ampliando sua espontaneidade. Não existe uma realidade absoluta, mas verdades subjetivas opostas podem coexistir, dependendo do estado do self que se encontra em consciência e a etapa evolutiva da pessoa, entendendo a mente humana como uma multiplicidade de estados do self.

Nesta concepção da mente, a dissociação normal ocupa um papel fundamental no seu funcionamento. Mediante esse mecanismo, partes do self persistem não simbolizadas cognitivamente num contexto relacional. Neste sentido, a consciência é descontínua, ainda que exista uma ilusão de unidade continuada do self, que funciona de maneira adaptativa. Cada estado do self tem sua realidade própria e sua organização própria.

No capítulo seis, *Se isso é traição, tirem o maior proveito disso!*, o autor afirma que nos enfrentamos a três mudanças clínicas fundamentais: a mudança da primazia do conteúdo para a primazia do contexto, da primazia da cognição para a primazia do afeto, e o distanciamento (mas não o abandono) do conceito de “técnica”.

Bromberg menciona que:

Em uma relação analítica é impossível desvendar o pessoal do profissional. (...) um campo no qual o ‘caminho real para o inconsciente’ se transforma num inconsciente relacional, um caminho *corriqueiro* ao longo do qual a única recomendação técnica que pode ser levantada é a de reconhecer que a aparição imprevisível de buracos faz parte do trajeto (p. 234).

No capítulo sete, *Palavras de mais velhos – Uma perspectiva sobre a fantasia inconsciente*, todo ser humano parece estar possuído por um roteiro inconsciente que é encenado repetitivamente e que o faz ser conduzido para certas escolhas vitais que parecem ter vida própria. O enactment é um evento a dois, onde paciente e terapeuta se vinculam de forma dissociada, a partir de um estado Não-Eu que posteriormente se torna um Eu ou mesmidade. A psicanálise deve reorganizar a narrativa interna do paciente para que se dê uma cura autêntica por meio da palavra.

No capítulo oito, *“Tua proximidade, um epílogo pessoal”*, Bromberg narra de maneira muito íntima e a partir da sua convoluta relação com a literatura a forma como ela o ajudou a aproximar-se da ideia central que desenvolve em sua obra. Ele argumenta que “a capacidade fundamental da mente de alternar entre diferentes estados do *self* sem perder a continuidade do *self* possibilita que alguém faça uso dos estados do *self* de outro como parte dos próprios” (p. 283).

O autor menciona que é no diálogo afetivo que acontece entre o *self* e o outro, diálogo esse que é carente de um contexto cognitivo, onde se produz um “pseudo-saber” e um tipo de incerteza que é essencial para a experiência. Este último é um aspecto relevante para o pensamento psicanalítico contemporâneo. No ato de se adentrar na mente do paciente, num paradigma intersubjetivo, o analista se depara com realidades para as quais não tem linguagem nem contexto.

Como é de praxe ao longo do seu livro, os exemplos são ilustrados com vinhetas comovedoras e poderosas, tanto como a conexão que implica a comunicação para entender a dialética entre pensamento e afeto, ou a que acontece entre os estados de *self* do paciente e do analista. É neste contexto relacional dissociado em que, por meio do *enactment* cocriado, se revela a tão procurada fantasia inconsciente.

Comentários finais

No seu livro, Bromberg nos mostra uma ampla indagação clínica que nos aproxima dos funcionamentos da mente desde seus começos, e como ela vai se configurando. Mostra-nos os mecanismos que permitem manter a coerência do self perante aos traumas evolutivos (“o tsunami”). Fala-nos a respeito da dissociação e de uma forma particular dela, que é compartilhada na dupla analista-paciente (*enactment*), indagação essa na qual sintetiza e enriquece grande parte das contribuições contemporâneas da psicanálise relacional e intersubjetiva e da teoria da mentalização de Fonagy.

O trabalho grupal com essa obra e as vinhetas que suscitava tem sido, sem dúvida, uma experiência formativa e enriquecedora para seus integrantes.